

## ENTREVISTA





**Carlos Roberto Velho Cirne-Lima** (1931) é professor emérito da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), tendo sido ao longo de seu ensino professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Sua vivência com a filosofia é marcada por algumas publicações importantes, dentre as quais *Dialética para principiantes* (1996), uma exposição sistemática – e clara – sobre a viagem na história de um dos mais caros entre os conceitos filosóficos, o de dialética. O livro já esboçava sua análise de um tema tão complexo com vistas à participação no debate histórico sobre a potência da dialética que surge com toda a força no livro *Depois de Hegel – uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico*, de 2006. Esse livro foi delicadamente analisado na coletânea *Cirne – sistema e objeções*, organizada por Adriano Naves no ano de 2009. Partindo de um interesse sobre a questão do sistema no âmbito da contemporaneidade e da força metodológica que a teoria dos sistemas pode nos oferecer a partir de um debate corajoso com sua potência, é que esta entrevista inaugura esta seção em nossa revista. O professor Cirne Lima responde à professora Márcia Tiburi – que foi sua aluna – e à *TRAMA Interdisciplinar* algumas questões sobre a importância de sua teoria nos dias de hoje.

**Professor Cirne Lima, sua dedicação de anos à filosofia de Hegel, um filósofo tão amado quanto odiado, culminou com a publicação de *Depois de Hegel* (Caxias do Sul: Ed. da UCS, 2006) com aquilo que o senhor chamou uma "correção" do sistema de Hegel. Pressupõe-se com isso que o sistema é uma forma exata de ver o mundo. Que nos importa hoje a questão do sistema? Não poderíamos viver fora do sistema? O que perdemos se o deixarmos de lado?**

A palavra "sistema" adquiriu, em nossos dias, a conotação de algo doentio, de algo errado, de algo que nos aprisiona. Nada disso. Em seu sentido clássico, que é o que eu uso, o termo "sistema" significa um conjunto organizado de conhecimentos; o contrário de sistema é a anarquia intelectual, o total desregramento de nosso saber. Sistema é a unidade que nos liberta da estaca das particularidades e nos permite ver tudo sobre um único grande horizonte. Esse último grande horizonte, que sempre pressupomos – mesmo quando o negamos –, é condição necessária de possibilidade de qualquer conhecimento particular. Isso, explicitar esse horizonte, exatamente isso, é filosofia. Filosofia deve ser sempre sistema, ou seja, a totalidade do horizonte que sempre pressupomos. Sobre esse horizonte universal e abrangente, é que podemos, então, elaborar subsistemas, que são teorias particulares. Esse horizonte último e universalíssimo é o todo que unifica e dá sentido às partes particulares. Falo de "correção" porque a maioria dos sistemas, em especial o de Hegel, desenha um horizonte teórico no qual todas as relações são necessárias. É esse necessitarismo que procuro eliminar, esboçando um sistema em que há espaço para a contingência e a historicidade.

**Neste sentido, dizer que a verdade é o todo, não pode ser apavorante no contexto das teorias de traço pós-moderno? Como seria um diálogo entre o sistema e o que tantos chamam de pós-moderno, ou seja, as teorias e práticas estabelecidas pela descrença na modernidade?**

O pensamento assim chamado pós-moderno, em minha opinião, repousa sobre um erro. Como os sistemas filosóficos da modernidade, principalmente os de Hegel e Marx, desembocaram – por outras razões – num beco sem saída, os pós-modernos tentam evitar a unidade do sistema e proclamam a só existência de conhecimentos particulares, isto é, de subsistemas. Exemplo clássico e maior é o caso de Wittgenstein. O primeiro Wittgenstein escreve o *Tractatus* que é, de fato e de direito, um sistema. O segundo Wittgenstein, o das *Investigações filosóficas*, pensa que o *Tractatus* foi um erro, e que só investigações desconectadas são possíveis. Na esteira do segundo Wittgenstein, muitos contemporâneos negam a possibilidade de um sistema, de um horizonte último, e aceitam apenas teorias particulares que são subsistemas. Percebe-se, já aí, que entram em contradição com eles mesmos. Ao negar o horizonte universalíssimo, estão sempre já a pressupô-lo. Ao falar de algo, de qualquer algo determinado, estão sempre a pressupor o horizonte último. E quem nega isso, quem diz que esse horizonte não é o último, aí mesmo está de novo pressupondo um horizonte que seja último. Assim, a descrença na modernidade é, em meu pensar, apenas a negação dos sistemas propostos nos séculos XIX e XX. Não estou pedindo que me creiam, estou apresentando um sistema, um argumento racional. Nesse nível de abstração, quem tentar negar esse sistema mínimo imediatamente entra em contradição. No detalhamento posterior, aí sim, podem surgir divergências; e surgem.



**Podemos dizer que filosofia é o mesmo que dialética? O senhor afirma que a dialética é jogo de opostos como em Heráclito e expõe o caminho histórico da dialética em seus livros percebendo a persistência do neoplatonismo até a teoria dos sistemas, da complexidade, da evolução. O que teria acontecido? Não mudamos desde então nosso modo de pensar?**

Utilizo o termo "dialética" tanto para o método como para o conteúdo do sistema. E isso por uma razão simples: nesse patamar do discurso, método e conteúdo se identificam. A teoria de sistemas (*system theory*) foi o nome com que Ludwig von Bertalanffy rebatizou o velho neoplatonismo para poder melhor introduzi-lo nos Estados Unidos. Bertalanffy vem diretamente de Nicolaus Cusanus,

o qual vem dos neoplatônicos gregos e medievais. De lá para cá, todos os que defendem uma teoria de sistemas são pensadores neoplatônicos, mesmo que não o saibam. As teorias sobre a complexidade apontam sempre para alguma forma subjacente de teoria de sistemas.

**Podemos falar de uma diferença essencial entre a filosofia dos anos 1960 no Brasil e o clima acadêmico de hoje em dia? Considerando seus anos de atuação como professor, seria possível comparar os períodos em termos de interesse pelo saber ou de liberdade de expressão? A novidade do livro *Cirne – sistema e objeções* (Unisinos, 2009) organizado por Adriano Brito seria sinal de um novo tempo do debate filosófico brasileiro?**

Há uma brutal diferença; em 1969 fui cassado pelo AI-5 e proibido de lecionar em qualquer escola do Brasil. Os tempos mudaram muito, e evidentemente para melhor. Quanto ao livro organizado pelo Adriano sobre minha proposta de sistema e sobre muitas objeções a esse, isso é uma grande novidade. Para a filosofia no Brasil isso é uma total novidade; me sinto muito honrado.

**Essas objeções mudaram algo de sua concepção estabelecida?**

Não, mas cada vez o sistema proposto vai ficando mais nítido.

**Quando hoje em dia nos debruçamos sobre a questão da interdisciplinaridade, podemos dizer como Fichte que a filosofia é a rainha das ciências? Isso não soaria pedante em um mundo intelectual de apelo democrático?**

Soa pedante, sim, e os pós-modernos ficam enraivecidos. Mas o fato é que nós filósofos estamos nos omitindo, e os biólogos e físicos, face à nossa ausência intelectual, falam na teoria geral do mundo, *theory of everything* e similares.

**Neste contexto, podemos investir em debates como o do ensino de filosofia ou da relação entre filosofia e ciências humanas em geral, considerando o caráter essencial da primeira para as últimas, sem medo de perder tempo?**

Podemos e devemos. Não haverá um segundo de tempo perdido.